

**Problemas globais e discursos locais:
uma reflexão a partir da cobertura dos refugiados na mídia digital brasileira**

Discours and foreign affairs:

a reflexion since the the refugees coverage in Brazilian digital media

Lidia Gurgel Neves-Hora¹
Fábio Malini²

Resumo: Este artigo busca analisar o tratamento dado aos refugiados venezuelanos nos meios digitais de comunicação brasileiros e, com isso, discutir as contribuições da Análise do Discurso para as soluções de questões internacionais. Para isso, estudaremos o noticiário relativo aos fatos de agosto de 2018, quando, durante a campanha para as eleições presidenciais – que tiveram como um marco a polarização política –, ações de xenofobia em Roraima colocaram os refugiados venezuelanos no centro das discussões. Nesse período, chegou-se a aventar o fechamento da fronteira do Brasil com aquele país, em Roraima. O estudo terá como base a Análise Crítica do Discurso, do pesquisador sociocognitivista Teun Van Dijk, que considera, em suas análises do discurso, o contexto composto por aspectos sociais (inclusive ideológicos) e cognitivos (sua análise baseia-se em modelos mentais e em como eles impactam na formulação e na compreensão de discursos). Van Dijk se dedicou a estudar como a mídia reforça as relações de poder, inclusive no que diz respeito às desigualdades.

Palavras-chave: Refugiados. Análise do Discurso. Análise Crítica do Discurso. Mídia Digital. Jornalismo.

Abstract: This article seeks to analyze the treatment given to Venezuelan refugees in Brazilian digital media and, then, to discuss the contributions of Discourse Analysis to the solution of international issues. To do this, we will study the news relating to the events of August 2018, when, during the campaign for the presidential elections – which had political polarization as a milestone –, xenophobic actions in Roraima placed Venezuelan refugees at the center of discussions. During this period, it was even suggested that Brazil's border with that country would be closed, in Roraima. The study will be based on Critical Discourse Analysis, by socio-cognitivist researcher Teun Van Dijk, who considers, in his discourse analyses, the context composed of social (including ideological) and cognitive aspects (his analysis is based on mental models and how they impact the formulation and understanding of speeches). Van Dijk dedicated himself to studying how the media reinforces power relations, including with regard to inequalities.

Keywords: Refugees. Speech analysis. Critical Discourse Analysis. Digital media. Journalism.

¹ Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Vitória, ES, Brasil. Bolsista PDSE-Capes no Barcelona Supercomputing Center. Endereço eletrônico: lidianeves@gmail.com.

² Universidade Federal do Espírito Santo, Departamento de Comunicação Social, Programa de Pós-Graduação em Linguística. E-mail: fabio.malini@gmail.com.

Introdução

Nesta pesquisa, busca-se analisar o discurso relativo aos refugiados venezuelanos nos meios digitais de comunicação brasileiros. O número de refugiados no mundo tem crescido de forma vertiginosa, atingindo, majoritariamente, países em desenvolvimento, que recebem 76% do total dessa população. No Brasil, o número de refugiados também voltou a crescer em 2022 (Junger da Silva *et al.*, 2023), com um aumento de 73% em relação ao ano anterior, tanto por ser um país referência no acolhimento, quanto, mais recentemente, pelo fato de um país vizinho, a Venezuela, ter uma população que busca refúgio, devido à crise em seu país.

Segundo o Acnur (Agência das Nações Unidas para os Refugiados), o Brasil sempre foi um protagonista em sua região em relação aos refugiados.

O Brasil sempre teve um papel pioneiro e de liderança na proteção internacional dos refugiados. Foi o primeiro país do Cone Sul a ratificar a Convenção relativa ao Estatuto dos Refugiados de 1951, no ano de 1960. Foi ainda um dos primeiros países integrantes do Comitê Executivo do Acnur, responsável pela aprovação dos programas e orçamentos anuais da agência (Acnur, [2019?]).

A intensa onda de imigrações – especialmente de parte dos venezuelanos – levou a um contexto de crise que culminou, em agosto de 2018, com uma série de posicionamentos de parte de entes do Estado e da sociedade brasileira, que incluíram pedido de fechamento da fronteira e ações governamentais para redistribuir os imigrantes em outros estados, que levaram à criação da Operação Acolhida (Pereira, 2023). Este projeto se propõe a analisar de que forma o tratamento dado a esse tema nos meios digitais noticiosos reflete a visão sobre este grupo na sociedade.

O recorte localizado no Brasil possibilita o aprofundamento em relação a uma realidade específica, porém referente e integrada a um amplo conjunto de fenômenos globais. Tal escolha está orientada pelo que Santos apresenta em seu paradigma emergente das ciências, quando destaca o aspecto local/total do conhecimento.

No paradigma emergente o conhecimento é total [...]. Mas sendo total, é também local. Constitui-se em redor de temas que em dado momento são adoptados por grupos sociais concretos como projectos de vida locais [...] (Santos, 2008, p. 76).

Nessa linha de raciocínio, concordamos com o autor no entendimento de que refletir sobre os refugiados no Brasil pode contribuir para uma visão “total” sobre o tema no mundo. Santos aponta ainda que o paradigma emergente de conhecimento visa a produzir senso

comum (2008, p. 80) – ou seja, ensinar a sua aplicação no cotidiano, para além do âmbito restrito da discussão acadêmica e científica.

Nas relações internacionais, muitas das questões perpassam ou se refletem na linguagem. A partir de uma reflexão sobre este tema e a análise que traremos a seguir, esperamos contribuir para contribuições interdisciplinares nesse campo e, na prática, para a inclusão de refugiados.

Santos também indica, em seu paradigma, que o conhecimento é um autoconhecimento, assim como outros autores apontam a influência das histórias de vida para definição de tema de pesquisa, entre os quais citamos Vidich e Lyman (2005, p. 51). Busca-se, assim, contribuir com a solução para a questão das migrações e da xenofobia, crescente no Brasil, figurando entre os crimes cibernéticos mais praticados no país (Intervozes, 2019, p. 21).

A partir de uma discussão sobre os pontos de contato entre as Relações Internacionais e os Estudos Linguísticos, sobre a qual amadurecemos na nossa trajetória acadêmica, (Neves, 2003; Neves, 2005; Neves-Hora, 2019), apresentamos a Análise Crítica dos Discursos midiáticos sobre refugiados no período de discussão sobre o fechamento da fronteira com a Venezuela, baseando-nos em Van Dijk (2005; 2008; 2012; 2016; 2021). Apresentamos, a seguir, uma reflexão sobre os estudos discursivos no contexto internacional, à qual se segue uma seção sobre a metodologia de pesquisa, a análise em si e algumas considerações.

A linguagem e o discurso na solução de problemas internacionais

Nas relações internacionais, seja entre pessoas ou Estados/nações, muitos aspectos passam pela língua e pela linguagem. Entre os desafios postos, estão a tarefa de nomear: em estudo anterior, analisamos a questão do terrorismo na mídia brasileira (Neves, 2005). Naquele trabalho, foi possível debater o quanto a escolha de um termo pode impactar um grupo. Tal situação leva, em alguns casos, os organismos internacionais a regulamentarem determinados tipos de atuação, no difícil desafio de unificar compreensões, desafio este que envolve interesses políticos, bem como diferenças de língua e cultura (Marthoz, 2018; Neves-Hora, 2019).

No caso de análises dos meios de comunicação, esses trabalhos nos permitem observar, ainda, a correlação de forças entre os países, identificando relações coloniais – na forma como discursos de países do Norte global são reproduzidos, com influência das estruturas de poder, inclusive as agências de notícias – e decoloniais, com aproximações entre países do Sul. Tal situação não se restringe aos meios de comunicação e pode ser identificada em todo tipo de discurso, em seus diversos gêneros, como o discurso político, o jurídico, o das redes sociais, dentre outros.

Um exemplo, próximo ao que se analisa neste trabalho, é discutido por Monte e Anastasia (2017) e por Pereira (2023) em relação à compreensão do conceito de democracia entre os países do Mercosul: a decisão do bloco de suspender a Venezuela em 2017, o que impactou a migração de cidadãos daquele país com visto de residência temporária no Brasil, foi justamente por não cumprir a obrigação de aderir ao Protocolo de Ushuaia sobre o Compromisso Democrático no Mercosul, Bolívia e Chile, o que foi considerado pelos Estados-membros como uma infração, sem, no entanto, definir um conceito de democracia em comum. Essa indefinição, de acordo com as primeiras autoras, foi estratégica para utilizar a norma conforme “os interesses políticos e econômicos dos diferentes atores, sob determinadas condições do contexto institucional e político” (Monte; Anastasia, 2017, p. 31).

Em relação aos refugiados, a questão fundante parte de sua denominação: ser considerado refugiado tem algumas implicações em termos políticos, jurídicos, de documentação e de condições de migração. Isso porque o refugiado é um migrante que não tem condição de retornar ao seu país, o que lhe coloca em uma situação de necessitar determinados cuidados da parte do Estado que o acolhe, no sentido de possibilitar se estabelecer no novo país. Assim, o processo de facilitar, por um lado, a permanência de refugiados venezuelanos, haitianos ou afegãos no Brasil por meio de visto de residência temporária, coloca, por outro lado, essas pessoas fora da situação de refúgio e das garantias que ela poderia lhe proporcionar, por outro, concentra em prover a condição de refugiado a quem mais precisa dessa proteção (Silva; Abrahão, 2019, p. 273).

Em análise do discurso, uma das questões presentes é a possibilidade de eles serem analisados de formas diferentes ou mesmo opostas, devido a diferentes ideologias ou compreensões de mundo compartilhadas. Ainda em relação às migrações, o termo “migração segura” é um destes que possibilitam mais de uma interpretação, em sentidos divergentes ou mesmo opostos, que “pode ser compreendido por uns como segurança nacional e por outros como segurança humana” (Pereira, 2023, p. 28). As duas possibilidades indicam, por um lado, políticas de reforço militar e controle rígido ou, na outra interpretação, um acolhimento mais humanitário.

Nos interessa, aqui, olhar para aspectos mais discursivos, do conjunto de textos que transmitem ideias e ideologias, impactando nas relações de poder. Esse tipo de análise é cabido não só na Linguística, como também em estudos acadêmicos de Relações Internacionais, Comunicação, Ciências Sociais e outras áreas do conhecimento, que têm se debruçado sobre os discursos como forma de aprofundar essas questões existentes na sociedade (Rodrigues; Kalil Filho, 2018). Em relação aos refugiados, algumas das questões presentes são a sua inserção na sociedade, as vulnerabilidades, o protagonismo desse grupo em relação à construção de sua cidadania e direitos, a solidariedade da sociedade para com eles, ou, ao contrário, a presença de discursos de ódio e xenofobia.

A linguagem está no princípio dessa inserção na sociedade, uma vez que, ao mudar de país, é necessário conhecer a língua para acessar direitos, trabalhar e desenvolver vários aspectos da vida. Ao chegar a um país, muitas vezes o refugiado (ou o migrante em geral) se insere em grupos de compatriotas nas redes sociais. Nessas plataformas, é onde costumam ter um primeiro contato com o idioma e onde buscam o caminho para se inserir legalmente no país (Acnur, 2021). Depois da adaptação especial, também se tornam espaço de interação e oferta de serviços (Sanzovo, 2021, p. 85; Seimoha, 2022, p. 39). Além disso, as redes sociais cumprem um papel importante para a organização e manifestação de diversos grupos sociais (Castells, 2013), o que é válido também para os refugiados. Moreira (2014) destaca a importância do protagonismo cidadão dos refugiados para que as políticas públicas direcionadas a eles sejam efetivas no processo de integração, o que é respaldado por Silva *et al.* (2021, p. 46), ressaltando também o papel das organizações que os apoiam e da sociedade em geral. No entanto, o desafio para dar visibilidade às vozes de refugiadas e refugiados passa pelo próprio acesso à internet, uma vez que muitos não têm aparelho telefônico próprio, nem familiaridade com a tecnologia, o que se soma à dificuldade de conhecimento do idioma local (Acnur, 2021; Parise; Carvalho; Pereira, 2020).

Em relação aos discursos, os próprios refugiados, em levantamento realizado pelo Acnur, apontaram diversas necessidades, das quais as redes sociais podem ser importantes para pelo menos duas: a de sensibilização da sociedade em geral, para que entenda que os refugiados não se mudam de país para competir por emprego, mas sim por uma necessidade humanitária; e a de combater visões xenofóbicas, inclusive no ambiente escolar, ensejando uma comunidade acolhedora (Acnur, 2021, p. 15).

No Brasil, os ataques de xenofobia na internet correspondem ao quinto maior volume de denúncias à Central Nacional de Denúncias de Crimes Cibernéticos, durante o período entre 2007 e 2019: foram 150.367 denúncias de xenofobia, o que resulta em uma média de 11.566 casos anuais (Intervozes, 2019, p. 21). Ao observar os dados dos principais tipos de conteúdo denunciados, além do crime de xenofobia, aparecem outros que poderiam se sobrepôr a este, aumentando a vulnerabilidade de migrantes e refugiados – notadamente, o racismo (567 mil denúncias), a intolerância religiosa (268 mil), o neonazismo (235 mil) e a LGBTfobia (137 mil), contra pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transexuais/transgêneros/travestis – e, atualizando a sigla, *queer*, intersexuais, assexuais e pansexuais (LGBTQIAP+). O volume de denúncias de xenofobia é ainda maior do que de LGBTfobia, o que ressalta a importância de tratar sobre este tema.

A xenofobia e a violência contra estrangeiros continuaram crescendo no país, segundo levantamento do Safernet, com aumento de 821% em 2022 (Safernet, 2023). Tais intolerâncias voltam a aparecer em levantamento realizado durante as eleições de 2022 e entre os discursos de ódio mais frequentes apontados no *Relatório de recomendações para*

o enfrentamento ao discurso de ódio e o extremismo no Brasil (Espindula, 2023, p. 28). O relatório aponta a vinculação dos discursos de ódio xenófobos ao racismo, direcionado principalmente aos estrangeiros de países que têm migrado mais intensamente para o Brasil nos tempos recentes, como Bolívia, Venezuela, Haiti, Angola, Nigéria e Senegal. Durante e após a pandemia de covid-19, notou-se um aumento da xenofobia direcionada a populações asiáticas, principalmente aos chineses. Além da sobreposição com o racismo, o relatório aponta a sobreposição desse preconceito à aporofobia (aversão a pobres) e à intolerância religiosa.

A xenofobia está incluída entre os discursos de ódio que, junto com a desinformação, produzem a "desordem de informação" nos tempos atuais (Wardle; Derakhshan, 2017, p. 4). Estudiosos do campo das migrações ressaltam a desinformação que ocorre nas imigrações terrestres em Roraima, a partir do uso do número de migrantes como uma forma de superdimensionar o problema (Pereira, 2022, p. 96). Segundo Oliveira, "desde 2016 já se propalava que mais de 500 venezuelanos chegavam por dia a Roraima. A rigor, levando-se em consideração os 365 dias do ano, em média, eram cerca de 240 entradas. Contudo, as saídas diárias do país eram 220" (Oliveira, 2019, p. 233). Tais números foram utilizados para declarar emergência de saúde pública em Boa Vista e Pacaraima e pedir intervenção federal.

A "política dos números" é debatida por Aguiar (2020), que aponta esta como uma forma global de reforçar a presença de migrantes e refugiados como um problema. A autora também destaca o papel das imagens para reforçar determinados discursos sobre essas populações, seja de uma maior necessidade de controle, seja de mais solidariedade, o que influencia a opinião pública e, conseqüentemente, as políticas e ações governamentais (Aguiar, 2019, p. 23; 35).

Esse tipo de discursos e imagens ocorre a partir de políticos, a partir da população, mas no caso do Norte do país, também ocorre nos meios de comunicação, com forte presença de sites que "não são jornalísticos e sim hiperpartidários, e divulgam apenas informações que favorecem certo partido, viés político ou candidato, geralmente disfarçados de 'notícias', porém enviesadas" (Intervezes, 2023, p. 16). Os conteúdos xenofóbicos aparecem entre os que geraram maior engajamento nos sites analisados.

Nathansohn e Brisola (2020, p. 9) discutem as formas e os efeitos dessa desinformação, que inclui a "hiperinformação", com um "grande volume de informação em que o que realmente importa não aparece, por causa de um apagamento pelo excesso" e a condução da opinião pública para determinadas leituras ideológicas. Os autores apontam, ainda, também destacam as relações de poder, que envolvem não só os governos, mas também as plataformas e suas tecnologias (algoritmos e ferramentas de vigilância, entre outras), que podem contribuir ou dificultar o acesso a informações (tanto pela opinião pública como pelos refugiados e imigrantes).

A estigmatização de determinados grupos, seja por meio de textos ou imagens, e o consequente racismo e xenofobia, vêm sendo apontados por diversos autores como motivo de preocupação, reforçando a importância de se estabelecer não só marcos jurídicos para as migrações, mas também discursivos, de modo a evitar a estigmatização desses grupos populacionais (Nathansohn; Brisola, 2020, p. 14; Pereira, 2022, p. 167; Ramírez, 2018, p. 20). Nos Estudos Críticos do Discurso, Van Dijk (2023) tem se dedicado ao tema, debruçando-se sobre a importância dos discursos de solidariedade dos movimentos sociais, no sentido de fortalecer o acolhimento aos refugiados.

Além disso, os discursos, especialmente os digitais, se apresentam, assim, com um forte potencial de ser parte da solução para uma melhor integração dos refugiados, contribuindo para o diálogo entre os diferentes atores que fazem parte não só da elaboração de políticas públicas, mas também de todo o processo de acolhimento. Dessa forma, a análise do discurso se torna um campo privilegiado para verificar as relações sócio-políticas.

Metodologia

A investigação a ser realizada se inclui no campo da pesquisa qualitativa. O *corpus* desta pesquisa consistirá de notícias de jornais e sites relativas aos refugiados venezuelanos no Brasil, com recorte nos fatos que se sucederam em agosto de 2018. Esse período foi quando se notou a manifestação de rejeição desta população por parte de brasileiros, o que levou à proposta de fechamento da fronteira. Pretende-se estudar cinco notícias de diferentes veículos, tendo como primeiro critério de seleção aquelas que mais se destacam nos motores de busca da internet. Em segundo lugar, será observada a relação do fato noticiado com o Brasil. Por fim, serão descartadas aquelas matérias cujo acesso não esteja disponível, devido a mecanismos de restrição para captação de assinantes, como *paywall* ou outros.

Conforme propõe Van Dijk, será analisada primeiramente a semântica textual. Em seguida se estudará a coerência global e local. Em relação à coerência global, serão observados a proposição principal, os significados do texto e as implicações para os usuários da linguagem. Essa análise global inclui, além de elementos que estão no texto e seu script – ou seja, o roteiro do texto –, conhecimentos sociais compartilhados. “O nosso conhecimento social partilhado desses *scripts* fornece os numerosos 'elos de ligação que faltam' entre os conceitos e a proposição do texto” (Van Dijk, 2005, p. 65). Em seguida, será observada a coerência local: como se relacionam as proposições subsequentes do texto, incluindo-se aspectos relacionados a tempo, condição, causa e consequência?

Um próximo item a ser analisado são as implicações, ou seja, as ideias que estão implícitas no texto e que podem ser inferidas por palavras, frases ou outras expressões. “Esse traço do discurso e da comunicação tem importantes dimensões ideológicas. A análise do 'não-dito' é por vezes mais reveladora do que o estudo daquilo que é realmente expresso num

texto” (Van Dijk, 2005, p. 66). Também são incluídas nessa parte as observações de aspectos irrelevantes para uma notícia que são abordados no texto e têm implicações ideológicas.

A estrutura das notícias também será estudada. Van Dijk faz referência à organização dos tópicos em um esquema abstrato, denominado superestrutura, “composto por categorias convencionais como título, lead (formando em conjunto o sumário), acontecimentos principais, contexto, história (que formam em conjunto a categoria condições), reações verbais e comentários (Van Dijk, 2005, p. 67).

Será observado ainda o estilo, a escolha de palavras e estruturas sintáticas. Segundo o autor, essas escolhas têm implicações sociais e ideológicas (Van Dijk, 2005, p. 68). Elas refletem as opiniões do repórter, e ainda o veículo em que ele trabalha e seus leitores.

Teun Van Dijk propõe, então, uma análise dos significados subjacentes ao texto, por meio de uma “análise do contexto cognitivo, social, político e cultural” (2005, p. 69). Esta análise inclui a representação do texto na memória, denominada modelo, que se refere ao que o usuário da linguagem compreendeu do texto, incluindo outras informações de contexto, bem como associações pessoais e avaliações do leitor. Também é observado o modelo contextual, que contém informações sobre “os objetivos do discurso, os seus atos comunicativos e as características da audiência”. Esses modelos são baseados nas representações sociais que são compartilhadas por um grupo – quando são compartilhadas por diferentes grupos, pode-se dizer que eles seguem uma mesma ideologia.

Análise

Apresentamos, a seguir, as reportagens analisadas neste trabalho. Van Dijk considera, como característica contextual da análise do *corpus*, categorias como ambiente, participantes, Eu-mesmo, verificando seus papéis comunicativos e sociais, as relações entre os participantes, as crenças e conhecimentos compartilhados e as ações e eventos (2012, p. 113-114).

Em relação ao contexto, apontamos que todos os textos analisados pertencem ao gênero notícia e adotam o uso da linguagem formal. O Eu-mesmo, no caso, quem tem voz nesses textos, são jornalistas que trabalham no meio de comunicação que publica a matéria, com atuação limitada por seus editores e pelos donos do veículo para o qual trabalham. Em dois casos, trata-se de reprodução de matéria de agência de notícias, então esses jornalistas desse outro veículo também fazem parte do Eu-mesmo. Também são participantes as fontes entrevistadas nessas reportagens, que no caso, restringem-se a autoridades.

Faz parte desse contexto também o conhecimento de mundo compartilhado sobre a Venezuela, sobre Roraima, sobre as fronteiras do Brasil, sobre refúgio e refugiados. Para o autor, o discurso proferido é aquele que não é considerado comum a toda a sociedade ou ao grupo a quem se destina, ou seja, não pertence à base comum (Van Dijk, 2008, p. 203).

A seguir, a cada texto analisado, apresentaremos primeiramente a análise global das estratégias discursivas, incluindo o título e o lead, as ideias ressaltadas e as respectivas escolhas lexicais dos participantes, destacadas entre aspas. A continuação, será apresentada a análise local, que se segue no decorrer do texto. Segundo Van Dijk, as estratégias discursivas buscam apresentar o Eu-mesmo (e seu grupo) de forma positiva e o outro de maneira negativa.

A notícia “ONU se diz preocupada com violência no Brasil contra Venezuelanos”, de *O Estado de S. Paulo* (Chade, 2018), aponta a preocupação da Organização das Nações Unidas em relação ao contexto do refúgio na América do Sul, não só no Brasil, mas também na Colômbia, Peru e Equador. Faz referência a fato prévio, de violência contra esses estrangeiros em Roraima, que foram consideradas “sinal de alerta” em uma situação que “pode rapidamente transformar-se em uma crise”. O porta-voz da Organização Internacional de Migrações afirma que o número de imigrantes venezuelanos no Brasil é baixo, se comparado aos que foram para os outros países. No entanto, aponta que entende o que as comunidades que os recebem “estão enfrentando” e que a “tensão” pode indicar que a paciência está acabando.

A mesma reportagem indica o risco de a tensão gerar “proliferação de barreiras e uma maior confrontação entre as comunidades locais e os estrangeiros”. Aborda também a necessidade de “relocalização” dos venezuelanos em outro continente, com vistas a “desafogar os países que fazem fronteira com a Venezuela”. Os órgãos da ONU afirmam ainda que “reconhecem os esforços” desses países, mas “admitem que estão ‘preocupados’” com políticas como novos passaportes e mais exigências para cruzar a fronteira. E buscam garantir, junto a esses países, o “acesso à segurança e o pedido de asilo”.

Em seguida, o texto faz referência ao pedido do então líder do Senado e presidente do MDB, Romero Jucá (RR), para o presidente Michel Temer bloquear temporariamente a fronteira com a Venezuela em Roraima. É citado também um pedido semelhante de parte da governadora do estado, Suely Campos (PP), ao Supremo Tribunal Federal.

A segunda notícia que aparece em destaque, “ONU pede apoio internacional a países que recebem venezuelanos”, foi publicada no site do jornal *Metro*. Tem como fonte a *Agência Brasil* e aborda também as declarações de autoridades da ONU, pedindo apoio aos países que recebem venezuelanos (Agência Brasil, 2018). Apresenta a estimativa de que 2,3 milhões de cidadãos da Venezuela vivam no exterior, sendo que 1,6 milhão deixaram o país desde 2015. Desses, 90% vivem em países da América do Sul.

O alto comissário da ONU para Refugiados, Filippo Grandi, e o diretor-geral da Organização Internacional para as Migrações, William Lacy Swing, “elogiaram nações da região por receberem ‘generosamente’ cidadãos venezuelanos”. Por outro lado, expressaram preocupação com acontecimentos relacionados com imigrantes vindos daquele país, tais

como as exigências de passaporte e mudanças nas regras de entrada no Peru e no Equador. Grandi diz reconhecer os “desafios crescentes associados à chegada em larga escala dos venezuelanos” e alerta para que novas medidas “continuem a permitir que aqueles que necessitem de proteção internacional tenham acesso seguro e procurem asilo”. Ele também elogiou os esforços dos países receptores e suas “demonstrações de solidariedade” e apresentou preocupação com as populações mais vulneráveis, como adolescentes, mulheres e crianças desacompanhadas.

Uma terceira reportagem em destaque no site de buscas foi publicada no Portal UOL, em seu site de Eleições 2018, com o título “Bolsonaro propõe que Brasil procure ONU para criar campos de refugiados” (Maia, 2018). O texto aborda declaração do então deputado federal e candidato à presidência da República pelo PSL, Jair Bolsonaro, propondo que o espaço seja construído pela ONU em território nacional, perto da fronteira com a Venezuela, para abrigar cidadãos do país vizinho. No entendimento do então candidato, eleito dois meses depois, esta seria a forma de não deixar a solução desse “problema” nas mãos do governo do estado de Roraima.

Nesse caso, o texto faz referência a uma citação da mesma proposta de Bolsonaro feita meses antes, que, no entanto, não fazia referência à ONU. Por outro lado, aponta que o então candidato havia manifestado a intenção de o Brasil sair da Organização e, depois, voltou atrás e afirmou que havia sido um ato falho. Outro aspecto criticado por Bolsonaro foi a Lei de Migração, de autoria do então ministro das Relações Exteriores, Aloysio Nunes Ferreira (PSDB), que foi aprovada no período, ainda durante o governo do presidente Michel Temer.

Também são citados na matéria os “conflitos entre brasileiros e venezuelanos” na cidade fronteira de Pacaraima (RR), ocorridos uma semana antes, “com pedradas, ataques com bombas de gás improvisadas, incineração de pertences de refugiados e vandalização de carros dos moradores locais”, salienta a reportagem. Em seguida, é publicada uma fala do então candidato: “não acho que deve haver nada de violência lá, mas foi uma reação do povo. E o governo continua de costas para esse problema”, comenta, divergindo dos fatos noticiados pelo veículo e, assim, promovendo desinformação.

Outro elemento que compõe esse contexto é uma leitura, por parte do candidato, de que a Venezuela – e seu regime político – é um exemplo a ser rejeitado. Essa perspectiva permeou não só a reportagem analisada, mas também todo o processo eleitoral que culminou na eleição de Jair Bolsonaro para a presidência da República. Para ele, o Brasil manter proximidade com o regime de “fome e ditadura” da Venezuela seria uma forma de “flertar com o perigo”.

A quarta reportagem analisada, do jornal *O Estado de S. Paulo*, tem como título “27 venezuelanos chegam ao Rio em ação de interiorização de refugiados”. Aponta a transferência de venezuelanos que deixam Boa Vista, capital do estado de Roraima (Grellet;

Haubert, 2018). O fato é retratado como parte do “processo de interiorização” promovido pelo governo brasileiro, posteriormente consolidado na Operação Acolhida, em um contexto de questionamentos, como citado na primeira matéria (Maia, 2018). O texto faz referência ao total de 1098 venezuelanos transferidos para oito localidades, em diversos estados. A notícia também aponta procedimentos tomados pelo governo federal em relação a esses imigrantes, tais como exames médicos, vacina e documentação. A interiorização busca, segundo a notícia, “ajudar venezuelanos em situação de extrema vulnerabilidade”.

Ao final, um intertítulo trata da situação de uma família de refugiados que foi levada a Brasília e está instalada em um abrigo. O mesmo parágrafo aponta que 20 adultos levados para o mesmo local em um grupo anterior já estão trabalhando e alguns já deixaram o abrigo.

Por fim, no site da revista *Exame*, notícia distribuída pelo *Estadão Conteúdo* aponta no título que “Número de venezuelanos que pedem asilo é 5,5 vezes maior que o de sírios” (Estadão Conteúdo, 2018). O subtítulo detalha que a comparação se dá entre os pedidos de asilo de venezuelanos a países da região naquele ano e o de sírios na Europa. Após apresentar os dados de 2017 (137 mil pedidos de venezuelanos e 24,7 mil sírios), a notícia indica, ainda, outros números que representam uma maior gravidade da situação de refúgio na Síria, motivada por uma guerra que levou a mais de 5 milhões de deslocamentos forçados, ao mesmo tempo em que indica que o número de venezuelanos não corresponde ao fluxo total de migrantes, já que houve quem conseguiu outros tipos de vistos.

A notícia apresenta os critérios para obter a “proteção legal com status de refugiado”, que envolve o risco de perseguição política, tortura, repressão ou outras violações de direitos humanos em seu país de origem. Em seguida, aponta os dados que indicam o crescimento de solicitações desse tipo por parte de venezuelanos em relação aos dois anos anteriores – apesar de o número total de pedidos de sírios ainda ser maior. Outro aspecto abordado no texto é que o crescimento de pedidos de asilos de venezuelanos foi tal, “a ponto de criar tensão na região”. O Peru lidera a lista de solicitações, seguido dos Estados Unidos e do Brasil.

A Análise Crítica do Discurso, em Van Dijk, propõe que seja analisado não só o texto, mas também as implicações dos discursos proferidos. “Esse traço do discurso e da comunicação tem importantes dimensões ideológicas. A análise do 'não-dito' é por vezes mais reveladora do que o estudo daquilo que é realmente expresso num texto” (Van Dijk, 2005, p. 66). Também são analisadas, como implicações, as observações de aspectos irrelevantes para uma notícia que são abordados no texto e têm implicações ideológicas.

Pelos textos analisados, é possível notar um grande foco no número de refugiados que chegam ao Brasil, sem, no entanto, fazer referência aos que o deixam. Como já visto em lugares onde a questão migratória é um problema social de maior gravidade, números inflados contribuem para a compreensão equivocada de que os refugiados se mudam de país para

retirar oportunidades dos cidadãos de outro país, sendo que eles migram por necessidade, muitas vezes sem possibilidade de retornar ao seu país de origem.

Em relação aos atores com vozes e posicionamentos ideológicos em relação aos refugiados, em primeiro lugar, nota-se o protagonismo da ONU e seus porta-vozes, apresentando uma visão ideológica em defesa do direito ao refúgio e solicitando aos países que apresentem essa possibilidade aos venezuelanos que os procurarem. Com esses discursos, a ONU atua no sentido de reduzir o clima de tensão, sem deixar de compreender a dificuldade dos países, ajudando-os a buscar soluções relacionadas ao refúgio.

Nas notícias analisadas, a ONU teve de afirmar a necessidade de que os países vizinhos recebam esses imigrantes, ao mesmo tempo em que reconhece a dificuldade que pode significar abrigá-los. Incluir estes aspectos no discurso, segundo Van Dijk, indica que esses entendimentos não pertencem à base comum da sociedade. Da mesma forma, pode ser analisada a necessidade de declarar sua preocupação com novas políticas propostas por países sul-americanos. O convite ao acolhimento vem acompanhado de uma avaliação de que há outras crises humanitárias ao redor do país mobilizando necessidades de ajuda.

Em segundo lugar, estão as autoridades brasileiras, que podem ser subdivididas em três grupos: os representantes políticos locais, o governo federal e o então candidato de extrema-direita à Presidência da República. Os políticos de Roraima (senador e governadora) são citados de forma contextual, apontados como quem sofre a sobrecarga por receber um grande volume de refugiados e como quem propõe o fechamento das fronteiras – no entanto, suas colocações não aparecem em destaque principal entre as matérias daquele mês no site de buscas. Além disso, é necessário notar uma ausência das problematizações locais, como corrupção e falta de investimento em equipamentos públicos, como visto em Pereira (2023), na contextualização das notícias – provavelmente relacionado a um jornalismo feito à distância, pouco envolvido com a solução local dos problemas.

O governo federal, à época presidido por Michel Temer, aparece em notícias sem ter voz, como fonte; no entanto, tem o papel de definir e construir políticas para solucionar os problemas causados pelo grande volume de refugiados. O governo é apontado como o responsável pela decisão de não fechar a fronteira e pelas soluções para reduzir a sobrecarga do estado de Roraima, redistribuindo a população por outros estados. Além do transporte, o governo é citado como provedor de saúde e documentação. Sua postura o aproxima da proposta da ONU para o tratamento aos refugiados e não se nota, nos textos, uma problematização da escolha de montar uma estrutura militar para solucionar a questão do refúgio.

Por fim, o então candidato e hoje presidente Jair Bolsonaro profere um discurso que se opõe à política da ONU de refugiados, propondo um isolamento dos mesmos em território específico, sem ser atendidos pelo Estado brasileiro e integrados ao país. Importante destacar

que a fala se deu dentro do contexto eleitoral, antes do primeiro turno, em que diversos aspectos ideológicos estavam em debate e em disputa – entre eles, a política externa, na qual o grupo de Bolsonaro se afirma antiglobalista, com forte oposição a várias políticas globais estabelecidas (Vilela, 2019).

Ressalta-se ainda que, ao afirmar que “não deve haver nada de violência lá” e que o governo não está tomando atitudes, Bolsonaro profere um discurso dissonante dos fatos narrados pelo repórter dessa matéria específica e também dos discursos analisados como um todo. Como aponta Van Dijk, há discursos que não são comuns a toda a sociedade, mas são tidos como “verdade” apenas para um conjunto de pessoas que compartilham de crenças ou opiniões, seja motivados por conhecimento ou por uma ideologia em comum (Van Dijk, 2008, p. 203). Nesse caso, ao divergir do conhecimento compartilhado produzido pelo discurso midiático, inclusive com desinformação, Bolsonaro buscava dialogar com aqueles que têm crenças e ideologias próximas às suas e, considerando o contexto político, seriam potencialmente seus eleitores.

Pelo que foi indicado nos textos noticiosos analisados aqui, é possível apreender que alguns dos refugiados são agressivos, que eles causam preocupação – seja pela quantidade de pessoas a serem abrigadas, pela necessidade de trabalho (em um contexto de desemprego), por motivos de saúde ou outros relacionados à cidadania – e que há visões divergentes sobre o quanto eles devem ou precisam ser incluídos nos países que os recebem. Tal apresentação contribui para uma rejeição do outro, em um contexto de um país com bastantes problemas sociais, inclusive de violência, o que pode reforçar as ideologias xenofóbicas.

Por outro lado, é apresentado, ao final de uma das notícias, o fato de que alguns refugiados já conseguiram se inserir na sociedade, obter um emprego e deixar o abrigo em que foram recebidos inicialmente. A apresentação dos refugiados a partir de suas necessidades e das contribuições que podem dar ao local e ao país onde vivem, bem como as demonstrações de solidariedade a eles, seriam formas de reforçar atitudes solidárias e acolhedoras.

Por fim, colocamos em evidência que, entre os textos selecionados, os que mais se destacam nas pesquisas feitas no motor de busca, nenhum deles dá voz aos refugiados, o que reforça o apontamento de Van Dijk de que os veículos costumam dar mais voz aos integrantes da elite simbólica. A ausência da voz dos refugiados aponta para uma invisibilização dos mesmos como atores, com suas necessidades e potencialidades específicas. Assim, eles são notados nos discursos apenas pelas perspectivas de outros, detentores do poder.

Outra ausência nas notícias é a dos atores da sociedade civil que se mobilizaram para acolher os refugiados. Diante da inexistência de estruturas públicas locais no estado de

Roraima e em seus municípios, foram instituições sociais, religiosas ou não, que abriram suas portas para receber aos venezuelanos que precisavam de casa, comida, documentos e atendimento à saúde em um momento inicial. A ausência dos refugiados e dos que lhes foram solidários deve servir de reflexão sobre a necessidade de tê-los como protagonistas de sua própria cidadania.

Tal situação tem semelhança com o que identificamos nas redes sociais em outros estudos, no sentido de ter as organizações internacionais e governos como principais protagonistas (Neves-Hora, 2022; Neves-Hora; Cavalcanti; Malini, 2023; Neves-Hora; Coutinho; Malini, 2024). No entanto, devido à profusão de vozes que ali se encontram, nas redes sociais é possível encontrar discursos de refugiados e de instituições solidárias, ainda que com um alcance menor.

Considerações finais

A cobertura analisada apontou visões ideologicamente diversas em relação aos refugiados, que vão desde o acolhimento e a efetiva integração deles no país até a proposta de manter esse público apartado da população brasileira. Nessa discussão, nota-se a ampliação de divergências e a polarização de discursos na sociedade brasileira, no entanto, com um ponto em comum que favorece a xenofobia: a ausência de vozes refugiadas e de pessoas que estão manifestando solidariedade a eles. A presença dessas vozes teria contribuído para uma compreensão da questão do refúgio de forma mais humana e solidária por parte da sociedade brasileira, e quiçá ter evitado a elevação de tensões em âmbito nacional e regional e de preocupações na esfera global.

Os discursos aqui analisados foram identificados no contexto de uma virada histórica no Brasil, em que deixa-se de tratar os refugiados como uma questão distante ou pontual e passa-se a ter a necessidade de refúgio chegando de forma constante à fronteira terrestre do país. Tal fato, que coincidiu no tempo com o discurso eleitoral, reforçou o uso da questão do refúgio de venezuelanos com finalidade ideológica, contribuindo com o discurso político de Jair Bolsonaro de apresentar a Venezuela como um exemplo a ser rejeitado. Chama a atenção que Bolsonaro tenha chegado a propor a construção de campos de refugiados, medida considerada extrema.

O presente estudo mostrou, ainda, a necessidade de se debruçar sobre problemas internacionais ou globais desde uma perspectiva nacional e local, uma vez que os fatos, os discursos e as relações de poder também se dão nessa esfera. Ainda que os discursos da mídia possam e devam se amplificar, de modo a contemplar outras vozes, é necessário que os atores e os analistas do discurso considerem outras possibilidades para reforçar discursos de acolhimento, solidariedade e combate à xenofobia.

Referências

- ACNUR. ACNUR no Brasil. **UNHCR ACNUR Brasil**, [2019?]. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/acnur-no-brasil/>. Acesso em: 24 nov. 2019.
- ACNUR. Vozes das Pessoas Refugiadas no Brasil: diagnósticos participativos do ACNUR 2020. Brasil: **Acnur**, 2021. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2021/06/ACNUR-Relatorio-Vozes-das-Pessoas-Refugiadas-reduzido.pdf>. Acesso em: 15 set. 2022.
- AGUIAR, C. M. Entre a crise e a crítica: migrações e refúgio em perspectiva global. **Monções**, v. 8, n. 16, p. 21–41, 2019. DOI: <https://doi.org/10.30612/rmufgd.v8i16.9802>.
- AVENDAÑO, T. C. Campanha inflama retórica anti-venezuelanos e agudiza crise em Roraima. **El País**, São Paulo, 23 ago. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/22/politica/1534895418_615839.html. Acesso em: 18 nov. 2018.
- BARBOSA, L. M. A.; CHÁVEZ, F. A. C. Metáforas dos refugiados no Brasil na mídia: um olhar da linguística cognitivo-funcional. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 12, n. 21, p. 118-134, 2018. Disponível em <http://www.periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/18913>. Acesso em: 9 nov. 2018.
- CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- ESPINDULA, B. F. **Relatório de recomendações para o enfrentamento ao discurso de ódio e o extremismo no Brasil**. Brasília, DF: Ministério da Família, da Mulher e dos Direitos Humanos, 2023.
- INTERVOZES, Coletivo Brasil de Comunicação Social. **Desinformação**: ameaça ao direito à comunicação muito além das *fake news*. São Paulo: Intervezes. São Paulo: Intervezes, 2019. Disponível em: <https://intervezes.org.br/publicacoes/desinformacao-ameaca-ao-direito-a-comunicacao-muito-alem-das-fake-news/>. Acesso em: 26 jan. 2024.
- INTERVOZES, Coletivo Brasil de Comunicação Social. Relatório **Combate à desinformação e ao discurso de ódio sobre a Amazônia Legal e seus defensores**. São Paulo: Intervezes, 2023. Disponível em: <https://intervezes.org.br/publicacoes/relatorio-combate-a-desinformacao-e-ao-discurso-de-odio-na-amazonialegal/>. Acesso em: 30 jan. 2024.
- MARTHOZ, J.-P. **Terrorismo e a mídia**: um manual para jornalistas. Brasília: Unesco - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2018.
- MONTE, D. S.; ANASTASIA, F. Cláusula Democrática do Mercosul: indefinição conceitual e uso estratégico. **Revista de Sociologia e Política**, v. 25, n. 62, p. 11–36, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/1678-987317256201>.
- MOREIRA, J. B. Refugiados no Brasil: reflexões acerca do processo de integração local. **REMHU**: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, v. 22, n. 43, p. 85–98, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-85852503880004306>.

NATHANSOHN, B. M.; BRISOLA, A. C. C. A. S. Cruzando fronteiras na sociedade da desinformação: a busca dos refugiados por cidadania. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 30, n. 3, p. 1–16, 2020. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1809-4783.2020v30n2.50227>.

NEVES, L. G. **Classes populares no Jornalismo**: uma análise dos estigmas sob a ótica da esfera pública. 2003. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

NEVES, L. G. **11-S y 11-M**: El terrorismo y los terroristas en los periódicos brasileños. 2005. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais e Comunicação) – Facultad de Ciencias de la Información, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2005.

NEVES-HORA, L. G. Terrorismo e meios de comunicação: reflexões para uma cobertura equilibrada. In: XXIV CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO SUDESTE, Vitória. **Anais...** Vitória: Ufes, 2019.

NEVES-HORA, L. G. Refugiados e covid-19: uma Análise do Discurso Digital na rede social Facebook. In: MOREIRA, J. B. (org.). **Migrações forçadas e refúgio na América Latina durante a pandemia de covid-19**. São Paulo: Centro Brasileiro de Estudos da América Latina - CBEAL, Memorial da América Latina, 2022.

NEVES-HORA, L. G.; CAVALCANTI, C. R.; MALINI, F. #JustiçaporMoise: atores e interseccionalidades nos discursos digitais do macromovimento antirracista. In: TOMAZI ALMEIDA, M. M. (org.). **Estudos do Discurso e Compromisso Social**. Serra: Editora Milfontes, 2023. p. 155–184.

NEVES-HORA, L. G.; COUTINHO, R. R.; MALINI DE LIMA, F. A contribuição do método perspectivista à análise do discurso digital a partir do estudo sobre refugiados na pandemia. In: CARREON, R. O.; BARONAS, R. L. **Estudos discursivos do Monjolinho**: questões entorno do digital. Campinas, SP: Editora da Abralin, 2024.

OLIVEIRA, A. T. R. A Migração Venezuelana no Brasil: crise humanitária, desinformação e os aspectos normativos. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, v. 13, n. 1, p. 219–244, 29 abr. 2019. DOI: <https://doi.org/10.21057/10.21057/repamv13n1.2019.24297>.

PARISE, P.; CARVALHO, L.; PEREIRA, J. C. A. Missão Paz: Assistência, formação e incidência social versus o negativismo de direitos a migrantes e refugiados na interface da COVID-19. **Migrações internacionais e a pandemia da COVID-19**, p. 79, 2020.

PEREIRA, D. M. Migração venezuelana em Roraima: entre a resposta humanitária emergencial e a construção de uma agenda política migratória. In: MOREIRA, J. B. (org.). **Migrações forçadas e refúgio na América Latina durante a pandemia de covid-19**. São Paulo: Centro Brasileiro de Estudos da América Latina - CBEAL, Memorial da América Latina, 2022. p. 91–113.

PEREIRA, D. M. **Humanitarismo e militarismos**: o protagonismo das Forças Armadas na resposta do Estado brasileiro às migrações venezuelanas (2018-2022). 2023. 258 f. Tese (Doutorado em Estudos Estratégicos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos da Defesa e da Segurança, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2023.

RAMÍREZ, J. De la era de la migración al siglo de la seguridad: el surgimiento de “políticas de control con rostro (in)humano”/ From the age of migration to the century of security: the emergence of ‘control policy with a (in)human face’. **URVIO** - Revista Latinoamericana de Estudios de Seguridad, n. 23, p. 10–28, 26 nov. 2018. DOI: <https://doi.org/10.17141/urvio.23.2018.3745>.

RODRIGUES, T.; KALIL FILHO, M. Discursos, verdade e linguagem: indicações metodológicas para as RI. In: SIQUEIRA, I. R. *et al.* **Metodologia e Relações Internacionais**: debates contemporâneos. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2018. p. 17–52.

SAFERNET. Xenofobia, intolerância religiosa e misoginia foram os crimes denunciados à Safernet que mais cresceram nas eleições. **Safernet**, 2023. Disponível em: <https://new.safernet.org.br/content/xenofobia-intolerancia-religiosa-e-misoginia-foram-os-crimes-denunciados-a-safernet-que-mais-cresceram-nas-eleicoes>. Acesso em: 30 jan. 2024.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SANZOVO, C. C. Tecnologia digital e aprendizado da língua portuguesa entre imigrantes e refugiados no Brasil. **Revista Entrepalavras**, v. 11, n. 3, p. 75–89, 2021.

SEIMOHA, K. R. **A inserção de quatro mulheres refugiadas no estado de São Paulo através do Facebook**. 2022. 95 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2022. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/2195/2/KARINE%20SEIMOHA%202.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2023.

SILVA, J. C. J.; ABRAHÃO, B. A. Contradições, debilidades e acertos dos marcos de regularização de venezuelanos no Brasil. **Monções**, v. 8, n. 16, p. 255–278, 2019. DOI: <https://doi.org/10.30612/rmufgd.v8i16.9845>.

SILVA, G. J. *et al.* **Refúgio em Números**. 6. ed. Brasília, DF: OBMigra, 2021. Disponível em: <https://www.justica.gov.br/seus-direitos/refugio/refugio-em-numeros>. Acesso em: 13 jul. 2022.

VAN DIJK, T. **Discurso, Notícia e Ideologia**: Estudos na Análise Crítica do Discurso. Porto: Campo das Letras, 2005.

VAN DIJK, T. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2008.

VAN DIJK, T. **Discurso e contexto**: uma abordagem sociocognitiva. Trad. Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012.

VAN DIJK, T. A. Análise Crítica do Discurso. In: TOMMAZI, M. M.; ROCHA, L. H. P.; POMPEU, J. C. **Estudos Discursivos em diferentes perspectivas**: mídia, sociedade e direito. São Paulo: Terracota Editora, 2016. p. 19–42.

VAN DIJK, T. A. **Antiracist discourse**: Theory and history of a macromovement. Cambridge: Cambridge University Press, 2021.

VAN DIJK, T. A. **Social Movement Discourse**: An Introduction. London: Routledge, 2023.

VIDICH, A. J.; LYMAN, S. M. Métodos qualitativos: sua história na sociologia e na antropologia. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (org.). **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 49-90.

VILELA, P. R. Ernesto Araújo critica globalismo na política externa do Brasil. **Agência Brasil**, 02 jan. 2019. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2019-01/ernesto-araujo-critica-globalismo-na-politica-externa-do-brasil>. Acesso em: 24 nov. 2019.

WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. **Information disorder**: Toward an interdisciplinary framework for research and policymaking. Council of Europe Strasbourg, 2017. v. 27.

Textos analisados

AGÊNCIA BRASIL. ONU pede apoio internacional a países que recebem venezuelanos. **Metro**, 23 ago. 2018. Disponível em: <https://www.metrojornal.com.br/foco/2018/08/23/venezuela-onu-apoio-paises-refugiados.html>. Acesso em: 23 nov. 2019.

CHADE, J. ONU se diz preocupada com violência no Brasil contra Venezuelanos. **O Estado de S. Paulo**, 24 ago. 2018. Disponível em: <https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,onu-se-diz-preocupada-com-violencia-no-brasil-contravenezuelanos,70002471267>. Acesso em: 19 nov. 2023.

ESTADÃO CONTEÚDO. Número de venezuelanos que pedem asilo é 5,5 vezes maior que o de sírios. **Exame**, 27 ago. 2018. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/numero-de-venezuelanos-que-pedem-asilo-e-55-vezes-maior-que-o-de-sirios/>. Acesso em: 23 nov. 2023.

GRELLET, F.; HAUBERT, M. 27 venezuelanos chegam ao Rio em ação de interiorização de refugiados. In: **O Estado de S. Paulo**, 30 ago. 2018. Disponível em: <https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,27-venezuelanos-chegam-ao-rio-em-acao-de-interiorizacao-de-refugiados,70002481187>. Acesso em: 23 fev. 2024.

MAIA, G. Bolsonaro propõe que Brasil procure ONU para criar campos de refugiados. In: **UOL Eleições 2018**, 24 ago. 2018. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/08/24/bolsonaro-sugere-campos-de-refugiados-para-abrigar-venezuelanos.htm>. Acesso em: 22 nov. 2023.

Sobre os autores

Lidia Gurgel Neves-Hora

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8346-9968>

Jornalista formada pela Universidade de São Paulo (USP), é doutoranda em Estudos Linguísticos na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes, bolsista PDSE/Capes no Barcelona Supercomputing Center e ex-bolsista do Centro Brasileiro de Estudos da América Latina - CBEAL/Memorial da América Latina). Mestre em Relações Internacionais e Comunicação pela Universidad Complutense de Madrid. Participa do Grupo de Estudos sobre o Discurso da Mídia (Gedim/Ufes), do Observatório da Mídia/Ufes e do Leedim/UFSCar.

Fábio Malini

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2405-9109>

Professor Associado III no Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), onde coordena o Labic (Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura). Atua na pesquisa aplicada no campo da ciência de dados, discursos políticos e análises de redes sociais. É professor do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Ufes.

Recebido em março de 2024.

Aprovado em julho de 2024.